



FÉ E ATITUDE CRÍTICA TEOLOGIA COMO RENOVAÇÃO ESPIRITUAL

Júlio Paulo Tavares Zabatiero*

RESUMO

Neste artigo discuto uma questão teórico-prática dos cursos de teologia e sua relação com as igrejas. No campo evangélico brasileiro há uma tradição de desconfiança das igrejas com relação às faculdades de teologia, que inclui uma acusação de que o estudo da teologia faz a pessoa perder a fé. A partir da experiência docente de três décadas, procuro responder a essa tradição, apresentando conceitos de fé que considero inadequados – de modo que se o aluno perder essa “fé”, a faculdade terá prestado um bom serviço – e conceitos de fé que considero adequados, que representam o que o Novo Testamento descreve como fé madura, que demanda discernimento. Por fim, apresento breves reflexões, a partir de Foucault e Tillich, sobre a atitude crítica como componente crucial da identidade protestante – componente este que os cursos de teologia têm a obrigação de praticar com ênfase e excelência.

* Doutor em teologia do Antigo Testamento pela Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, Rio Grande do Sul. Atualmente é professor e coordenador de pós-graduação na Faculdade Unida de Vitória.



ABSTRACT

This essay discusses a theoretical-practical issue – the concept of faith and its implications for the relationship between theological schools and local churches. The evangelical churches in Brazil have a tradition of suspicion against the theological education. They use to say that academic study of theology presents a risk to the life of faith. So, I offer a description of immature faith-concepts, which the theological schools should help the students to get rid of them. Then, I discuss a few biblical texts that help us to understand the relationship between faith and spiritual discernment. The conclusion of the essay is a description of the critical dimension of the identity of Protestantism, based on texts of Foucault and Tillich, a dimension that the theological education should represent and live up.

INTRODUÇÃO

Ensinar teologia é, em certo sentido, conviver com uma dolorosa monotonia. Durante as três décadas de meu ministério, a cada nova turma de bacharelado em teologia uma dúvida e acusação teimam em retornar, sempre de novo, sempre do mesmo jeito, sempre bloqueando o processo de ensinar-aprender, sempre negando o novo. A formulação pode ser diferente, umas poucas vezes, mas a monotonia é entediante e desanimadora. A dúvida-acusação algumas vezes vem das igrejas; outras vezes, dos próprios estudantes; no mais das vezes, porém, vem de professores de teologia e de seminários ou faculdades de teologia. Dúvida-acusação que faz com que se perca um semestre, um ano, ou até mesmo mais tempo antes de estudantes conseguirem entrar para valer no estudo teológico. Dúvida-acusação que faz com que se gaste tempo demais e energia em excesso para se defender – estudantes se defendendo da dúvida, docentes se defendendo da acusação.

De que estou falando? Se você convive ou conviveu com ambientes de educação teológica já deve ter descoberto o tema deste início de conversa. “A teologia faz perder a fé” – essa é a dúvida-acusação, em sua monotonia sem fim de variações que retornam

sempre ao mesmo ponto no tempo-espço. Só para constatar algumas dessas variações: “a única coisa que não aceito é que o aluno saia com menos fé do que quando entrou” – recomendação de um presidente de seminário aos docentes; “o problema, professor, é que você não crê em Deus” – refrão insosso e batido de um número não muito grande de estudantes que ousam abrir a boca (a maioria pensa, mas não fala); “eu estou aqui porque preciso do diploma, mas não vou me contaminar” – refrão sem ética de estudantes, bem ou mal orientados por seus pastores, que fingem que aprendem para, depois, fingir que são pastores. Não vou gastar mais nosso precioso tempo com as inúteis variações sobre a mesma dúvida-acusação.

Vou direto ao ponto: o estudo da teologia não faz perder a fé – a não ser que a fé seja tão ruim que valha a pena perdê-la. O estudo da teologia não faz perder a fé, mas provoca perdas, sim. Algumas vezes, muita vez, para ser mais exato, as perdas provocadas poderiam ser evitadas, pois se faz perder o que não deveria ser perdido. Mas, repito, insisto: estudar teologia academicamente não provoca a perda da fé. Mais: em nossos dias, estudar teologia é um dos pouquíssimos caminhos para se encontrar verdadeira renovação espiritual. Em um ambiente de proliferação de igrejas, crentes, ministérios, movimentos, ditos evangélicos, o que parece vida não passa de espamos agônicos de moribunda mundanidade. Repete-se, embora de forma diferente, o que viu Ezequiel: ao invés de povo de Deus vivo e vivificante, *imenso vale de ossos secos*, tal como as cenas do mundo “futuro” do Exterminador. Mas, como o Espírito agia então, age também hoje em dia. Volto a insistir teimosamente: teologia, hoje, é caminho indispensável para o crescimento espiritual. Ou, parafraseando velho dito teológico: “fora da teologia não há renovação”!

Afinal de contas, que é fé?

A dúvida-acusação, não fosse tão importante para a vida do cristianismo, poderia simplesmente ser deixada de lado. Não se pode, porém, subestimar tão permanente monotonia. O que está em jogo não é a educação teológica. O que realmente está em jogo é a pró-

pria fé. A dúvida-acusação somente se sustenta na medida em que a fé, *que supostamente se perde*, é pouco mais do que uma caricatura da fé cristã. Em um tom mais conciliador – a fé que supostamente se perde é uma fé infantil, imatura. Vejamos algumas descrições bíblicas de fé imatura:

“Porque, devendo já ser mestres em razão do tempo, ainda necessitais de que se vos torne a ensinar os princípios elementares dos oráculos de Deus, e vos haveis feito tais que precisais de leite, e não de alimento sólido. Ora, qualquer que se alimenta de leite é inexperiente na palavra da justiça, pois é criança; mas o alimento sólido é para os adultos, os quais têm, pela prática, as faculdades exercitadas para discernir tanto o bem como o mal” (Hb 5:12-14). De modo análogo ao da experiência da comunidade que recebeu “aos Hebreus”, as igrejas evangélicas atuais são adultas em termos cronológicos, mas infantis em termos espirituais-teológicos. Fé infantil é fé que não passou pelo teste do estudo disciplinado, intenso, dedicado, da palavra da justiça – mas se acomodou no círculo vicioso de uma meia dúzia de temas batidos e rebatidos, que compõe os monótonos discursos “evangélicos” de nossos dias. Fé infantil é fé que não passou pelo teste da prática da justiça, mas se amoldou ao ir-e-vir da casa ao templo, do templo à casa; da transformação da casa em templo graças aos aparelhos de rádio e televisão que massificam aquela meia dúzia de temas infantilizados do discurso dito evangélico. *Mea culpa* – alimento sólido para estômagos (cérebros) acostumados com papinha provoca cólicas...

“Deixando, pois, toda a malícia, todo o engano, e fingimentos, e invejas, e toda a maledicência, desejai como meninos recém-nascidos, o puro leite espiritual, a fim de por ele crescerdes para a salvação, se é que já provastes que o Senhor é bom; e, chegando-vos para ele, pedra viva, rejeitada, na verdade, pelos homens, mas, para com Deus eleita e preciosa, vós também, quais pedras vivas, sois edificados como casa espiritual para serdes sacerdócio santo, a fim de oferecerdes sacrifícios espirituais, aceitáveis a Deus por Jesus Cristo” (I Pe 2:1-5). Confusão de metáforas? Leite é só para crianças, ou é necessário o tempo todo?

Contradição lógica? Não. Nem um, nem outro. Apenas leites, quer dizer, metáforas diferentes. A ênfase aqui em Pedro recai sobre a *pureza* do leite espiritual – o alimento do cristão precisa ser puro, isto é, precisa ser compatível com o Evangelho, precisa ser consistente com a aliança de Deus com seu povo. A fé imatura é aquela cheia de malícia, fingimento, engodo, inveja, maledicência; a fé que não procura leite *puro*, mas se contenta com qualquer palavra que anime, que encha de disposição, que ofereça consolo, que abra portas para a consecução dos próprios desejos. Na faculdade de teologia essa fé ingênua e crédula é realmente questionada. É necessário que essa fé ingênua seja depurada, corrigida, abandonada. Se essa depuração significa “perder a fé”, é uma perda bem-vinda, pois necessária para o crescimento espiritual.

“Ó insensatos gálatas! quem vos fascinou a vós, ante cujos olhos foi representado Jesus Cristo como crucificado? Só isto quero saber de vós: Foi por obras da lei que recebestes o Espírito, ou pelo ouvir com fé? Sois vós tão insensatos? tendo começado pelo Espírito, é pela carne que agora acabareis? Será que padecestes tantas coisas em vão? Se é que isso foi em vão. Aquele pois que vos dá o Espírito, e que opera milagres entre vós, acaso o faz pelas obras da lei, ou pelo ouvir com fé?” (Gl 3:1-5). Com tantos milagres acontecendo, não seria muito mais sábio enxergar em nosso tempo um aprofundamento da fé? Se milagres fossem exclusividade de Deus, sim. Mas Deus não detém o monopólio dos milagres. O anti-Deus, o anti-Cristo é excelente milagreiro – e, diferentemente de Deus, é um milagreiro marketeiro: faz e espalha aos quatro ventos o que faz. Neste último exemplo, a fé imatura confunde graça e lei, fé e obras. No discurso da teologia da prosperidade, essa fé imatura é a fé *sacrificial*, a fé que *compra* os dons de Deus, que *investe* nos benefícios celestes. Nos discursos mais tradicionais, se pode dizer que essa fé imatura é aquela que chega à salvação mediante a *aceitação* do dom de Deus, mas desenvolve a santificação como um *esforço* (obras) para viver de acordo com normas e regras que supostamente concretizam a santidade. É fé que confunde a religiosidade com o Evan-

gelho, que confunde a moral social com a ética cristã, que confunde os costumes locais e regionais com os valores cristãos. Por isso, precisa, sim, ser corrigida!

Que seria, então, uma fé não infantil? Apresento quatro textos bíblicos que podem nos ajudar a descrever uma fé mais madura, autêntica, genuína. E, se você é bom entendedor, já percebeu como é importante estudar teologia academicamente – para pelo menos começar a entender melhor a Bíblia e discernir a sua própria posição diante de Deus e do seu Evangelho.

“Deixando, pois, toda a malícia, todo o engano, e fingimentos, e invejas, e toda a maledicência, desejai como meninos recém-nascidos, o puro leite espiritual, a fim de por ele crescerdes para a salvação, se é que já provastes que o Senhor é bom; e, chegando-vos para ele, pedra viva, rejeitada, na verdade, pelos homens, mas, para com Deus eleita e preciosa, vós também, quais pedras vivas, sois edificados como casa espiritual para serdes sacerdócio santo, a fim de oferecerdes sacrifícios espirituais, aceitáveis a Deus por Jesus Cristo” (I Pe 2:1-5). Repeti o texto sim. Não foi descuido. Foi proposital. Duas metáforas deste texto descrevem a fé amadurecida: (a) a metáfora da alimentação destaca o caráter *pessoal* da fé enquanto *comunhão com o Senhor*. Ora, se temos comunhão com Deus, falamos com Ele e O ouvimos, se o experimentamos em nosso dia-a-dia, não há “teologia”, por pior que seja, que pode fazer morrer essa fé. Fé-comunhão só se perde quando optamos por um projeto de vida sem Deus, por um projeto de vida sem transcendência, por um projeto de vida consumista, egocêntrico, mundano. (b) Fé amadurecida é comunhão com Deus que se concretiza no trabalho missionário – é isso o que significa sermos sacerdotes – somos pessoas que dão testemunho, por palavras e ação, do Deus que quer reconciliar consigo mesmo todas as coisas. Somos membros de comunidades missionárias, comunidades constituídas a partir da *missio Dei* para as *missiones ecclesiae*, conforme e terminologia de David Bosch. Esta fé só se perde se abandonamos a vocação missionária em troca de uma vocação institucional, terrena, mundana – atribuir à teologia a perda dessa fé é oferecer uma *descul-*

pa para a infidelidade pessoal ou comunitária. Fé-comunhão-missão precisa de teologia, precisa de reflexão sólida sobre Deus, sobre o mundo, sobre a sociedade, etc. Quem, por amor a Deus, faz missão, sabe que precisa estudar, aprender, conhecer, para poder servir melhor. Como sabia Anselmo, a fé-comunhão-missão busca conhecimento!

“Ora, a fé é o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que não se vêem” (Hb 11:1-2). A fé, aqui é vinculada com a esperança e com a futuridade do Reinado de Deus. É uma espécie de fundamento sem fundamento, uma espécie de “ponte pênsil”, sustentada no ar. Crer, de forma madura, significa crer “contra a esperança (humana)”, mas a favor da futuridade divina. Fé não é *vista*, fé é ardente expectativa de que Deus irá concluir a obra que iniciou em Cristo. Fé é certeza de que nosso conhecimento e experiência presentes são fundamentos insuficientes para a vida, e por isso não se dirige à doutrina, à experiência religiosa, à instituição, aos desejos ou sensações. Fé dirige-se exclusivamente a Deus, a quem não se pode ver pois está sempre em nosso futuro. Esta fé esperançosa se concretiza em uma vida perseverante de comunhão e serviço a Deus, como ocorreu com as pessoas cuja fé é mencionada no capítulo 11 de Hebreus. Tal fé não pode ser perdida em uma sala de aula, pois jamais se dirigirá à própria teologia, aos conhecimentos que constrói e perscruta no diligente exercício da pesquisa. A fé em Deus não se confunde com a fé em nossas descrições teológicas de Deus.

“Porque em Cristo Jesus nem a circuncisão nem a incircuncisão vale coisa alguma; mas sim a fé que opera pelo amor” (Gl 5:6). O último texto que trago para nossa reflexão sobre a fé destaca que a fé se concretiza no amor a Deus e ao próximo. A identidade do povo de Deus não se constitui pelos ritos, pelas instituições, pelos arranjos doutrinários, pelos sacramentos, pelas teologias. A identidade do povo de fé se constitui pela prática do amor, pois a efetividade da fé não é a teologia, mas a solidariedade amorosa, o serviço compassivo ao mundo que necessita de Deus. Fé-comunhão-missão. É esta tríade terminológica que pode

nos ajudar a descrever melhor a fé, e perceber com mais inteligência o que é fé cristã madura. Este tipo de fé não se perde ao estudar teologia. É mais fácil perder a fé madura em uma igreja local tradicionalista, ensimesmada, não-missionária, do que em uma discussão teológica. É mais viável perder a fé em maçantes reuniões denominacionais que não servem para nada além de engordar a instituição que devora o carisma missional, do que durante a leitura de uma obra teológica de má qualidade. Pois a fé que opera pelo amor sabe que o que conhecemos e experimentamos, conhecemos e experimentamos *em parte*, sob o signo da esperança, sob a expectativa da futuridade divina – pois destas três coisas que realmente valem a pena, o amor é que possui permanência; fé e esperança são transitórias, são feitas para desaparecerem, por isso não podem ser perdidas a não ser no desamor.

“Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus. ²² Muitos me dirão naquele dia: Senhor, Senhor, não profetizamos nós em teu nome? e em teu nome não expulsamos demônios? e em teu nome não fizemos muitos milagres? ²³ Então lhes direi claramente: Nunca vos conheci; apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade. ²⁴ Todo aquele, pois, que ouve estas minhas palavras e as põe em prática, será comparado a um homem prudente, que edificou a casa sobre a rocha. ²⁵ E desceu a chuva, correram as torrentes, sopraram os ventos, e bateram com ímpeto contra aquela casa; contudo não caiu, porque estava fundada sobre a rocha. ²⁶ Mas todo aquele que ouve estas minhas palavras, e não as põe em prática, será comparado a um homem insensato, que edificou a sua casa sobre a areia. ²⁷ E desceu a chuva, correram as torrentes, sopraram os ventos, e bateram com ímpeto contra aquela casa, e ela caiu; e grande foi a sua queda” (Mt 7,21-27). Este parágrafo que conclui o Sermão do Monte tem sido praticamente esquecido em nossos dias de igrejas espetaculares, que confundem *milagres* com a fé e *dons* espirituais com a espiritualidade. Não é possível ser mais claro do que estas palavras de Jesus em Mateus 7: dons espirituais, milagres, exorcismos

(ambíguas indicações de “poder”) **não** são critérios válidos para indicar fé, espiritualidade ou pertença ao Senhor Jesus. Uma das acusações mais comuns à educação teológica é a de que ela, com sua atitude crítica, questiona os milagres e “o poder de Deus”. Bem, uma fé amadurecida questiona, *sim*, milagres, questiona exorcismos, questiona profecias, questiona línguas, questiona a teologia. Fé amadurecida é fé questionadora (se você preferir um termo mais “espiritual” - fé *discernidora*), por isso, quando nos cursos de teologia se ensina o aluno a questionar, está se ajudando estudantes a desenvolver a sua fé. O que não se pode fazer é parar no questionamento – pois a fé madura, segundo a pregação do Jesus mateano, é aquela que se concretiza na prática da vontade de Deus. A pessoa de fé imatura é chamada de *insensata*, pessoa sem conhecimento, pessoa sem senso de direção, pessoa sem rumo – pois pessoa sem conhecimento de Deus e de sua vontade, e, por isso, pessoa sem sabedoria, sem prudência (*fronesis*, cf. v. 24).

Tal fé discernidora, tal teologia crítica

Em um artigo histórico-reflexivo, Michel Foucault se ocupa em descrever o que é a atitude crítica na sua forma desenvolvida durante o chamado Esclarecimento, especialmente a partir dos escritos de Kant. Nesse artigo, Foucault mostra como a atitude crítica “esclarecida” é devedora da Reforma Protestante que, para ele, é a fundadora da crítica moderna:

Em uma época na qual o governo dos homens era essencialmente uma arte espiritual, ou uma prática essencialmente religiosa ligada à autoridade de uma Igreja, ao magistério de uma Escritura, não querer ser governado de tal modo seria essencialmente buscar nas Escrituras uma relação outra, que a ligada ao funcionamento do ensinamento de Deus ... uma certa maneira de refutar, recusar, limitar (digam como vocês quiserem) o magistério eclesiástico, seria um retorno

às Escrituras, seria a questão do que é autêntico nas Escrituras, do que está efetivamente escrito nas Escrituras, a questão de que espécie de verdade dizem as Escrituras, como ter acesso a esta verdade da Escritura na Escritura e a despeito, talvez, do escrito, e até chegarmos à questão finalmente muito simples: as Escrituras são verdadeiras? ... Diremos que a crítica é historicamente bíblica.¹

O teólogo e historiador do pensamento cristão, Paul Tillich, apresenta uma interpretação semelhante para o Protestantismo, caracterizando a identidade protestante como a concretização do que ele chamou, em diferentes escritos, de o *princípio protestante*. “O princípio protestante pode aparecer de diversas formas. A mais simples é esta: ‘os meios pelos quais o sagrado aparece não podem ser identificados com o sagrado’. Esta formulação negaria quaisquer reivindicações de identidade com o divino feitas por qualquer religião, credo religioso, doutrina ou rito, bem como por qualquer movimento histórico ou político ou por destacadas personalidades religiosas. Com a mesma intenção Tillich formularia às vezes o princípio protestante como ‘... a luta de Deus dentro da religião contra a religião’.”² A atitude crítica, conseqüentemente, faz parte da identidade da forma protestante de ser cristão, e é derivada da noção fundante do Protestantismo que é a radical distinção ente Deus e a sua criação.

Talvez fique menos chocante se lembrarmos que crítica é sinônimo de *discernimento*. Discernimento é a tradução de diferentes palavras gregas, entre as quais encontramos a palavra *krisis*, que está

¹ FOUCAULT, M. “O que é a crítica? (Crítica e Aufklärung)”, in BIROLI, F. & ALVAREZ, M. C. (orgs.) *Michel Foucault: Histórias e destinos de um pensamento*, Cadernos da F.F.C. Marília: 2000, vol. 9, no. 1, p. 172.

² DOURLEY, John. “Substância Católica e Princípio Protestante: Tillich e o diálogo inter-religioso”. *Correlatio* 1. <http://www.metodista.br/ppc/correlatio/correlatio01/substancia-catolica-e-principio-protestante-tillich-e-o-dialogo-inter-religioso/>. Acesso em 2.02.2009.

na base da nossa idéia de crítica. Ora, os primeiros reformadores, ao criticarem a Cristandade católico-romana, julgavam estar sendo fiéis à Escritura, que se tornou, para eles, o verdadeiro fundamento da crítica. Fundamentando sua crítica na Escritura, a Reforma se vale do duplo sentido de *krísis* na Bíblia – tanto criticar, avaliar, quanto crise, juízo.

Devemos levar em consideração, também, que a crítica protestante não se fundamentava exclusivamente na Escritura, mas tinha também sua parcela de apoio no pensamento *secular*. Tillich reconhece que “em toda forma protestante, o elemento religioso deve ser vinculado a um elemento secular e questionado por ele. (...) O secularismo é exatamente o corretivo do qual o protestantismo precisa contra a tentação de toda esfera religiosa e de todo sistema eclesiástico, de querer identificar-se ao incondicionado ao qual remetem.”³ Por paradoxal que pareça, o retorno à Escritura como única fonte de autoridade para a fé cristã, presente na Reforma Protestante, exige também uma nova valorização do pensamento secular. Em outras palavras, o princípio da *Sola Scriptura* somente se sustenta em um ambiente intelectual que desconfie do abismo entre espiritual e material, revelado e racional, religioso e político, teológico e científico.

Se a atitude crítica é, como definiu Foucault, “a arte de não ser governado desta maneira”, a atitude crítica que deriva da fé cristã e lhe faz justiça é, em primeiro lugar, crítica ética – a recusa de ser governado por uma fé infantil, ingênua, imatura, conformada e conformista com o mundo (em nossos dias, sob a face perversa do capitalismo consumista); a recusa de ser governado por uma pseudo-teologia da prosperidade egocêntrica e alienada; a recusa de ser governado pela experiência sub-humanizadora do êxtase religioso fetichista (Weber teria imenso material para reflexão se pudesse conhecer o reencantamento mágico no e pelo “protestantismo” da prosperidade); a recusa de ser governado por uma visão fundamentalista

³ TILLICH, P. *Substance catholique et principe protestant* (trad. A. Gounelle), Paris/Genève, Cerf/Labor et Fides, 1995, p. 258

da Escritura Sagrada, que a reduz a um ídolo de papel e presta adoração ao deus-História. A atitude crítica da fé cristã nasce do reconhecimento de que nós, seres humanos, mediante nossa recusa de viver de acordo com a vontade de Deus (impiedade) e nossa recusa de nos relacionarmos uns com os outros para o benefício mútuo (injustiça) impedimos que a verdade sobre Deus e sobre Sua criação alcance seus destinatários (cf. Rm 1:18). Por isso, a reflexão teológica baseada na fé sempre terá como dimensão inalienável a voz profética da crítica ética, e dirigirá essa voz profética em primeiro lugar à igreja, ao povo de Deus, para que esta não se renda, conformada, à sedução do consumismo, à tentação da acumulação, ao pecado da prosperidade capitalista. Ora, seguindo Levinas e Dussel, o povo de Deus somente pode refletir sobre a sua fé (fazer teologia) a partir de seu reconhecimento do clamor do Outro – a partir de sua imitação de Deus (cf. Ef 5:1) que, por ouvir o clamor, desce e faz a pessoa injustiçada subir (cf. Êx 3,7-8; Ef 4:8-10).

CONCLUSÃO

Iniciei esta reflexão destacando o aspecto monótono do ensino teológico, derivado da tensa relação entre teologia e fé que perpassa nossas igrejas evangélicas. Após essa abertura existencial, passei a refletir sobre a fé e a atitude crítica, procurando demonstrar que, como protestantes evangélicos, a fé amadurecida não pode deixar de ser crítica, posto que a junção entre fé e crítica (discernimento) é constitutiva da identidade protestante. Para concluir este breve artigo, retomo o tom existencial. Sim, por um lado há uma boa dose de monotonia na educação teológica. Porém, nestes trinta anos de ministério, a cada semestre letivo tenho tido o privilégio de reencontrar o Deus que faz novas todas as coisas – e renova a mente, o coração, o corpo e a vocação de estudantes de teologia. Tenho tido o privilégio de servir ao Deus que nos liberta de toda escravidão e nos enche de seu Espírito para que não nos conformemos a “ser governados desta maneira” (humana e demoníaca), mas nos submetamos ao governo transformador do Senhor Jesus.

REFERÊNCIAS

- DOURLEY, John. **“Substância Católica e Princípio Protestante: Tillich e o diálogo inter-religioso”**. Correlatio 1. <http://www.metodista.br/ppc/correlatio/correlatio01/substancia-catolica-e-principio-protestante-tillich-e-o-dialogo-inter-religioso/>. Acesso em 2.02.2009.
- FOUCAULT, Michel. **“O que é a crítica? (Crítica e Aufklärung)”**, in BIROLI, F. & ALVAREZ, M. C. (orgs.) Michel Foucault: Histórias e destinos de um pensamento, Cadernos da F.F.C. Marília: 2000, vol. 9, no. 1.
- TILLICH, Paul. **Substance catholique et principe protestant** (trad. A. Gounelle), Paris/Genève, Cerf/Labor et Fides, 1995.
- ZABATIERO, Júlio Paulo T. **Fundamentos da Teologia Prática**. São Paulo: Mundo Cristão, 2008, 2ª. edição.